

IX Encuentro Nacional y III Congreso Internacional de Historia Oral de la República
Argentina
“Los usos de la Memoria y la Historia Oral”

**Vozes da luta: um estudo sobre formação e a atuação de mediadores religiosos
em movimentos populares a partir de narrativas orais (1970-1980)**

**¹Cléo Adriano Sabadi Bonotto
Rosângela Montagner
Leonardo Oliveira**

Neste trabalho tive como objeto conhecer os processos de formação e atuação de mediadores religiosos que se engajaram em movimentos sociais no fim da década de 1970 e início da década de 1980, no Rio Grande do Sul. Sendo assim, analiso o papel do Centro de Orientação Missionária (COM) no que diz respeito às suas relações com a Igreja Institucional e com a formação teórica de lideranças e organização de movimentos populares. Busco compreender o papel da formação prática de lideranças através da inserção em comunidades populares, estudando o caso do pioneirismo dos franciscanos na Lomba do Pinheiro, na periferia de Porto Alegre. Examinado a participação de religiosos na gênese do Movimento Sem-Terra no Rio Grande do Sul, partindo do pressuposto de que esses três casos complementam-se na medida em que fazem parte do processo de formação de mediadores religiosos para a atuação em movimentos populares.

Destaco também que, embora existam inúmeros trabalhos sobre a atuação de agentes religiosos nos movimentos sociais, ainda há lacunas no que tange ao processo de formação desses mediadores, ou seja, intelectuais, agentes de pastoral, religiosos, educadores, ministros da palavra, enfim, “pessoas portadoras de experiência política e conhecimento formal trazidos de fora, para atuar junto aos grupos base do movimento” (SCHERER-WARREN, 2005, p. 49).

¹ Professor dos Cursos de Ciência Política e Serviço Social na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e do Curso de História da URI/Santiago e mestre em Integração Latino-americana pela UFSM.

Sabendo que o historiador também re-significa o passado à luz do presente e que é o presente que ilumina ou fornece sua interpretação sobre os acontecimentos do passado, é importante ressaltar o papel que o presente teve na escolha do objeto de pesquisa. Nesse âmbito, destaco a virada conservadora que a Igreja Católica sofreu nos últimos anos, evidenciada com a ascensão ao papado do cardeal Ratzinger, que foi quem comandou a perseguição aos principais intelectuais da Teologia da Libertação².

Para o desenvolvimento do trabalho, fiz uso de entrevistas com religiosos, agentes de pastoral e outros mediadores que tiveram participação direta no surgimento e organização de movimentos populares no Rio Grande do Sul enfatizando que os colaboradores da presente pesquisa participaram desses três níveis: a formação teórica, a inserida e a prática. Foram colaboradores na presente pesquisa:

- Irmão Antônio Cechin: Irmão Marista, graduado em Letras Clássicas (grego, latim e português) e em Ciências Jurídicas e Sociais. Especialista em Economia e Humanismo, ele já trabalhou, entre outras coisas, como diretor do Colégio Marista São Luís, em São Leopoldo, foi criador e Coordenador da Equipe de Catequese Libertadora do Regional Sul-3, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Secretário particular do Promotor Geral da Fé no Vaticano e assessor do MST enquanto esse estava ligado diretamente às Comunidades Eclesiais de Base (de 1979 a 1984). Morou e trabalhou vários

²No início da década de 1980, o Vaticano preocupa-se com a grande repercussão da Teologia da Libertação na América Latina e a sua difusão para outros continentes. O Cardeal Joseph Ratzinger, então Prefeito da Sagrada Doutrina da Fé, órgão que substituiu a Santa Inquisição, comandou uma rígida perseguição aos principais Teólogos da Libertação, tais como o padre peruano Gustavo Gutierrez, criador do termo Teologia da Libertação, dos irmãos Leonardo Boff e Clodovis Boff, que figuram entre os principais representantes dessa corrente teológica no Brasil e na América Latina. Sobre o atual conservadorismo do Vaticano é esclarecedor o depoimento do Monge Beneditino Marcelo Barros: “O Concílio Vaticano II definiu a Igreja como Igreja local. Ou seja, a Igreja é comunidade local e a Igreja universal seria a comunhão das Igrejas comunidades locais. No entanto, a Cúria Romana se opôs ao Vaticano II e, praticamente, esvaziou a Teologia do Concílio, retomando uma Igreja centralizadora, imperial, piramidal, que manda em todas as Igrejas. Hoje, na Igreja Católica, é o Vaticano que determina até a tradução de um texto do latim para o japonês, ou seja, os monsenhores da cúria romana se sentem mais capazes de dizer qual a palavra adequada em japonês do que os japoneses que vivem no Japão. É claro que, com esse tipo de centralização, a Teologia da Libertação e outros movimentos de base que procuram inculturar a fé na América Latina encontram dificuldade de compreensão e eles não entendem. Combatem uma coisa que eles nem conhecem, nem sabem o que é, e combatem por que a idéia de uma ‘Teologia mais autônoma de uma igreja com cara local’. No entanto, pessoalmente, eu não acho que seja uma coisa tão importante, tão fundamental, se o Vaticano aceita ou não aceita, se entende ou não entendem, eu acho que o nosso compromisso é com o povo, com as bases e isso que é fundamental e não a aceitação da cúpula” (2008).

anos nas periferias da região metropolitana de Porto Alegre, participou diretamente do processo de ocupação da Vila do Santo Operário em Canoas, em 1979, como também apoiou e participou das ocupações de terra em Ronda Alta como assessor da CPT.

- Selvino Heck: Assessor de movimentos sociais, foi seminarista franciscano na década de 1970, morou durante anos na Lomba do Pinheiro, e foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores no Rio Grande do Sul. Sua ordenação foi vetada por Dom Vicente Scherer, arcebispo de Porto Alegre e principal líder da Igreja no estado e dos principais representantes da Igreja conservadora no Brasil devido à sua militância política.
- Frei Sérgio Görger: Frei Franciscano, morou na Lomba do Pinheiro durante sua formação, atuou na periferia de Porto Alegre, no fim da década de 1970, militando na Pastoral da Juventude e na Pastoral Universitária e quando ocorreram as primeiras ocupações de terras em Ronda Alta, começou a participar ativamente junto aos movimentos camponeses.
- Frei Arno Reckziegel: foi o pioneiro no processo de formação inserida da Província Franciscana do Rio Grande do Sul quando foi morar na comunidade da Lomba do Pinheiro, na periferia de Porto Alegre, atuando junto aos segmentos populares.
- Irmão Marcelo Barros: Monge beneditino, trabalhou com Dom Hélder Câmara no Recife, foi do secretariado nacional da Comissão Pastoral da Terra no fim da década de 1970 e início da década de 1980 e assessorou os setores progressistas da Igreja do Rio Grande do Sul no mesmo período.

As narrativas como ferramentas para o desenvolvimento da pesquisa

Esta pesquisa foi construída tendo como suporte entrevistas orais temáticas, através das quais procurei analisar o processo de formação de intelectuais mediadores de movimentos sociais na Igreja Católica do Rio Grande do Sul, bem como a atuação de grupos progressistas nos movimentos sociais. Assim sendo, acredito ser importante fazer referência à História Oral devido ao papel central das narrativas no

desenvolvimento da pesquisa, sem descartar, ao mesmo tempo, a busca em arquivos e fontes escritas, que assim permitiram o cruzamento destas e corroboraram com a interpretação das narrativas dos entrevistados. A contemporaneidade dos sujeitos participantes me permitiu examinar não somente os fatos apresentados pelas fontes escritas como também elementos que não se faziam presentes nestas fontes e, principalmente, a percepção que os entrevistados tiveram dos acontecimentos dos quais participaram ou conheceram.

A possibilidade de entrecruzamento de fontes me possibilitou enriquecer a pesquisa, uma vez que, se todas as fontes são falíveis, e cada uma delas possui força variável em situações diferentes, na presente pesquisa, a evidência oral foi essencial para complementar a outras fontes, na re-interpretação de documentos e no preenchimento de suas lacunas e fraquezas que não seriam solucionados pelas fontes tradicionais. Assim sendo, utilizei a entrevista oral temática e a análise bibliográfica e documental, o que permitiu inferir conexões entre as fontes diferenciadas, pois, apenas por meio da análise dos documentos, não seria possível perceber aspectos referentes às transformações na Igreja Católica, à formação prática e teórica dos intelectuais mediadores, e a sua participação nos movimentos sociais.

A História Oral possibilita fazer vir à tona o que ainda não havia sido registrado pela documentação oficial, o que possibilita não cair nas ciladas das fontes oficiais e, deste modo, apenas reproduzir o que objetivaram que conhecêssemos. Nesse sentido para realização deste trabalho procurei utilizar a documentação oral da mesma maneira que as fontes escritas, uma vez que, nessa modalidade, o resultado do depoimento é tido como mais um documento, compatível com a necessidade de encontrar respostas para o tema (MEIHY, 1996). Além de ser um sustentáculo da pesquisa, onde se reconstrói a História nas mais múltiplas versões, é também uma forma de aproximar do objeto de estudo. O que é explicitado na fala dos entrevistados são as representações de um momento vivido, onde o pesquisador pode cruzar os relatos com as fontes diversas já citadas e, assim, questionar e analisar o contexto histórico.

Logo, utilizei essa abordagem metodológica acreditando ser um caminho que poderia auxiliar a compreender melhor as representações de mediadores religiosos baseadas em suas próprias narrativas sobre o tempo, o espaço e o lugar em que as

instituições estiveram e fizeram parte da vida desses sujeitos. Assim, através desse instrumento, baseado em conversas com os “mediadores” sobre suas experiências formativas e práticas e os impactos que estas tiveram em suas vidas, o indivíduo representa uma realidade multifacetada, contudo, quando aproximadas as diversas partes, percebe-se coerência entre os fatos. É também um diálogo que possibilita - mesmo com a grande influência do presente - a troca de idéias sobre as transformações de uma época, das quais foram atores ou testemunhas.

Nesse sentido, a memória é um componente imprescindível neste trabalho, tendo em vista que a memória cumpre o papel de re-significar com “filtro do presente”, este conjunto de informações armazenadas, e assim, é importante um trabalho de reflexão e contextualização temporal, pois nossa memória documenta uma versão do passado através da releitura do presente. É preciso perceber que a atual situação da Igreja Católica, especialmente dos setores progressistas, influi diretamente na maneira como nossos entrevistados representam o passado, uma vez que “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora se manifestou já bem alterada” (HALBWACHS, 1990, p. 71).

Destaco que um dos fatos mais marcantes da investigação foi a constatação de que nenhum dos entrevistados procurou encobrir as diferenças e as divergências internas da instituição, mesmo pertencendo a estrutura hierárquica da Igreja Católica. Dessa maneira, a entrevista oral temática mostrou-se essencial para o desenvolvimento da pesquisa, pois, através da oralidade consegui informações reveladoras que estaria impossibilitado de acessar de outra forma.

Transformações na Igreja Católica

Como um alerta, devo apontar que a Igreja não foi sempre a mesma, ou seja, o catolicismo não foi de forma alguma homogêneo em seus vários séculos de existência e nos diferentes lugares, logo, é preciso considerar que a Igreja agiu de diferentes modos ao longo do tempo, e não é possível pensarmos a Instituição de maneira homogênea

em todo o espaço territorial que possui influência. Michael Löwi (1991) identifica quatro tendências da Igreja Católica na América Latina: 1) ultra-reacionárias, semi-fascistas; 2) tradicionalista, hostil à Teologia da Libertação; 3) reformista e modernista, ligadas à conferência de Puebla; 4) radicais, próximos à Teologia da Libertação, capazes de solidariedade ativa com os movimentos sociais.

Essas tendências são resultantes das transformações que ocorreram no mundo externo, quando a instituição sentiu uma necessidade de uma reorganização interna e começou repensar sua função na sociedade política e civil e, a partir de Medellín, começou o trabalho de renovação de toda Igreja latino-americana iniciada com as CEBs, pela Catequese Libertadora e que culminou com a Teologia da Libertação³.

O que é a Teologia da Libertação? É pensar a fé, refletir a fé cristã a partir da realidade e de uma visão crítica da realidade e de um compromisso de toda pessoa que se considera “buscador de Deus” para transformar essa realidade. Então a Teologia da Libertação é um movimento plural, ou seja, há muitas formas de praticar a Teologia da Libertação. Ela nasceu da própria realidade social injusta na América Latina e nasceu a partir do grito dos oprimidos, da luta dos pobres e só depois ela foi elaborada em nível de teologia (Depoimento do Monge Marcelo Barros, 2008).

Foi um fenômeno que teve os seus momentos mais fortes na luta pelos Direitos Humanos, contra as diversas ditaduras e especialmente no apoio, na participação e na organização de movimentos populares, quando muitos cristãos assumiram uma posição radical pela transformação da sociedade. Através da atuação desses setores progressistas, a Igreja deixou de ser uma instituição que pairava acima da história da América Latina, para se transformar em protagonista histórico e no interior da Igreja Católica, a Teologia da Libertação surgiu questionando todo um sistema de valores da

³Embora a Igreja progressista já tivesse grande número de representantes, nas décadas de 1950, foi somente em 1968 que os trabalhos do padre peruano Gustavo Gutierrez abriram o caminho para a Teologia da Libertação.

Instituição, procurando romper com a dicotomia entre o “mundo real” e o “mundo espiritual”.

Da formação à prática: o degelo dos movimentos sociais no Brasil (1970-1980)

Na História do Brasil recente, após um período de estagnação da sociedade civil, resultante do poder e opressão da sociedade política no período ditatorial, no fim da década de 1970, começou a ocorrer o degelo na sociedade civil brasileira. Naquele momento, começaram a ressurgir com força novos atores sociais, ocupando o espaço vazio deixado pela falta de partidos populares, e atuaram diretamente no campo da sociedade civil.

Destaco que, neste período as organizações ligadas a religiões, por serem menos visadas, serviam de guarda-chuva para intelectuais e líderes de movimentos sociais considerados subversivos que, de certa maneira mantinham certo grau de invisibilidade, o que contribuiu para o crescimento das CEBs durante o período militar (SCHERER-WARREN, 1998).

O governo proibia a atuação de movimentos sociais e reprimia as manifestações de esquerda, por outro lado, uma intervenção repressiva contra a Igreja poderia provocar uma grande perda de credibilidade do regime. Carter (1991) argumenta acerca do papel que a instituição religiosa pode desempenhar frente a um regime autoritário, uma vez que, mesmo nas ditaduras, ela resguarda uma posição destacada na sociedade e se mantém institucionalmente forte e com condições de amparar e respaldar, melhor que outras instituições, aqueles que optam por uma postura de maior compromisso com as transformações políticas.

Assim, foi na insuficiência da participação efetiva dos sindicatos e dos partidos políticos, reprimidos ou cooptados pelo regime ditatorial, que outras organizações da sociedade civil ocuparam esse espaço, sendo que algumas dessas organizações irão tomar parte ativa nos conflitos, colocando-se a serviço das classes populares. É preciso destacar o papel desempenhado pela Igreja Católica, seja por sua ação propriamente institucional face ao poder, como uma das poucas instituições capazes de entrar em

conflito aberto com o Estado no referido período, seja pelo engajamento direto de muitos de seus membros junto a movimentos sociais.

Como perspectiva de ação os setores progressistas, principalmente aqueles ligados à Teologia da Libertação, enfocaram seu trabalho diretamente no plano da sociedade civil, apoiando a criação e organização de movimentos sociais.

Em vista dessa realidade, procurarei destacar algumas das maneiras como a Teologia da Libertação se difundiu no Rio Grande do Sul, estudando como ocorreu a formação teórica, a inserida e a prática de agentes religiosos que agiram dentro dessa linha. Para tanto, investiguei a influência do Centro de Orientação Missionária no que se refere à formação teórica; a experiência pioneira da província franciscana do Rio Grande do Sul de formação inserida em meios populares, realizada na Lomba do Pinheiro, na periferia de Porto Alegre, e a prática propriamente dita dos agentes religiosos em Movimentos Sociais, através da atuação desses agentes na gênese do Movimento Sem-Terra, que também considere um processo de formação, porquanto serviu de escola para outros Movimentos Sociais e transformou a maneira de atuação de mediadores religiosos ligados à Teologia da Libertação nesses movimentos.

A formação teórica: O Centro de Orientação Missionária (COM)

Na América Latina, existiram centros que se destacaram na difusão da Teologia da Libertação, como o Centro de Orientação Missionária de Caxias do Sul, o COM⁴. Este centro foi fundado em 1970 pelo Padre Orestes Stragliotto, a partir da necessidade de articulação de teólogos, bispos e leigos e foi um dos principais vetores de difusão, articulação dos sujeitos, produção de material e formação de agentes de pastoral dentro de uma linha da Teologia da Libertação. Os grandes intelectuais brasileiros da Teologia da Libertação deram cursos no COM, tais como Leonardo Boff, Clodovis Boff,

⁴O Centro de Orientação Missionária foi fundado em 23 de março de 1970, como órgão executivo da Comissão Diocesana para a Atividade Missionária – CODAM da Diocese de Caxias do Sul, com o objetivo de articular e assessorar os diversos movimentos missionários, promover a formação de agentes para as missões e aprofundar a reflexão sobre a ação missionária da Igreja na Diocese de Caxias do Sul. Cf. COM. *Centro de Orientação Missionária*. Caxias do Sul: Arquivo do COM, (mimeo), [s.d.], p. 01 (STOFFEL, J. C. História, Teologia e Prática do Centro Ecumênico de Evangelização, Capacitação e Assessoria. Uma contribuição para o movimento ecumênico no Brasil. Dissertação de Mestrado em Teologia/ EST. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2005).

Frei Betto, José Oscar Beozzo, Marcelo Barros, Pedro Casaldáglia, Carlos Mestres, dentre outros.

É preciso ressaltar que o COM surgiu tendo como principais objetivos a organização de cursos de formação missionária e de agentes de pastoral popular para leigos e religiosos e, como o próprio nome indicava, a preparação de missionários para atuarem principalmente para o Norte e Nordeste, devido ao grande número de religiosos existentes na diocese de Caxias do Sul, o que proporcionava uma forte vocação missionária ao COM.

Logo, o COM foi centro de formação de agentes religiosos não só para o Rio Grande do Sul e outras regiões do Brasil, como também foi um dos principais organismos articuladores dos agentes das Comunidades Eclesiais de Base, da Comissão Pastoral da Terra (de onde nasceria os Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – MST) e da Pastoral Operária.

O Centro de Orientação Missionária foi um grande centro irradiador de uma concepção diferente do cristianismo tradicional, de atuação no campo social. Teve no padre Orestes Stragliotto o grande animador, coordenador, que segurava a barra contra tudo e contra todos. Lá eles faziam os famosos cursos, além do curso do COM, propriamente, que era o curso de orientação missionária. Aquele era um centro onde todos os encontros aconteciam em nível de país. Eu diria que se a Teologia da Libertação teve um grupo de teóricos que a elaborou, o COM foi o grande centro que a irradiou, que fez a ponte entre a teoria e a ação pastoral. Praticamente todos nós passamos por lá. O COM era um bom centro de debates, com os grandes elaboradores de uma proposta diferente de país, contrários ao regime militar estiveram lá. Eu diria que a participação dos cristãos no PT foi construída lá. Mas tínhamos grandes debates, com grandes teóricos, e ao mesmo tempo éramos todas pessoas vinculadas à prática, que saímos de lá e íamos para uma ação concreta num bairro, em uma vila

popular. Muitos religiosos que participavam dos cursos de retiro lá chegavam em suas congregações e forçavam a barra para morar na periferia com os pobres. Ir para frente de luta nos Movimentos Sociais, trabalhar na pastoral, ir para uma região missionária do país, para Amazônia, e para o meio dos índios, ir para um bairro operário. O Centro de Orientação Missionária foi a ponte entre a teoria e a prática (Depoimento do Frei Sérgio Görger, 2007).

Caxias do Sul também possuía a vantagem de ser também uma região periférica no Estado, mais distante que a capital do estado, onde a repressão da ditadura militar era mais forte, bem como da perseguição direta dos setores conservadores da própria Igreja, que tinha como principal representante o arcebispo de Porto Alegre, D. Vicente Scherer. O COM promovia cursos de formação e estimulava o engajamento político dos cristãos, religiosos ou leigos, direcionando-os política e ideologicamente para a luta ao lado dos segmentos oprimidos da sociedade. O principal objetivo do COM era o de formar agentes de articulação junto aos movimentos populares como enfatizou o Monge Marcelo Barros:

No Brasil, desde a década de 1970, os setores progressistas cuidaram da formação de agentes de pastoral. Aqui no Sul, o COM e o CECA tiveram uma influência muito grande. Formadores como Irmão Antônio Cechin, pioneiro nas comunidades de base e dos movimentos populares. Então, para a Teologia da Libertação, para os cristãos ligados às lutas populares, é muito importante essa opção de formação de leigos (Depoimento do Irmão Marcelo Barros, 2008).

Assim, a estratégia era baseada na capacitação de agentes para atuarem nos meios populares e contribuírem na educação, mobilização e organização dos setores subalternos da sociedade. Para elevar o nível de criticidade, partiam dos saberes dos agentes e depois insistiam na necessidade de relacioná-los com problemáticas mais

abrangentes: a conjuntura nacional, internacional, da Igreja e pela análise estrutural do capitalismo. Nos cursos realizados no Centro de Orientação Missionária, sempre era utilizada a metodologia do “ver-julgar e agir”.

Nós fazíamos um encontro na primeira metade do ano e outro na segunda metade do ano no COM. No primeiro encontro, era sobre CEBs e espiritualidade da libertação e, na segunda metade do ano, a prática, os movimentos populares e as ferramentas de luta. O COM teve um papel muito importante (Depoimento do Irmão Antônio Cechin, 2007).

Se havia os teóricos da libertação também houve pessoas que resolveram pôr a teoria em prática e, assim, na década de 1970 e 1980, tornou-se relativamente comum o envolvimento de agentes religiosos nos meios marginalizados, quando muitos deles passaram a atuar diretamente nos setores populares. Nesse sentido, é preciso ressaltar o papel do COM na preparação para a prática desses agentes religiosos, uma vez que os cursos eram realizados em etapas, e entre as etapas, esses agentes podiam pôr em prática o conteúdo dos cursos. Além disso, esses cursos possibilitavam que pessoas que não estivessem ligadas diretamente aos movimentos populares os apoiassem. O COM foi extremamente importante na criação das Romarias da Terra, na organização e articulação das comunidades de base e de movimentos sociais, e, principalmente na formação teórica dos mediadores religiosos que atuaram nos movimentos populares com especial destaque para a assessoria do Movimento Sem-Terra.

A formação inserida

A preocupação com o social transformou também a estratégia de formação dos religiosos. Ao invés dos grandes seminários de formação, em geral situados em regiões de classe média, voltou-se para uma formação mais próxima dos setores populares, com os religiosos inserindo-se nas periferias pobres das cidades. Na década de 1970 e

1980, tornou-se relativamente comum a atuação nas periferias e em bairros operários não só no Brasil como na América Latina.

O pioneirismo da formação inserida nas periferias das grandes cidades coube aos franciscanos, que já na década de 1960 possuíam um trabalho bem desenvolvido com os pequenos agricultores, no interior do Rio Grande do Sul. No entanto, a província franciscana preocupava-se basicamente com o forte êxodo rural do período, com uma migração constante do campo para as grandes cidades.

Nossa província dos franciscanos do Rio Grande do Sul estudou esse fenômeno. Em varias reuniões e nos encontros discutíamos esse assunto e resolvemos acompanhar esse processo. Em 1965 e 66 foi feito todo um estudo, para ver como daríamos esse acompanhamento desse pessoal que saiu do meio rural: “Que adianta ficarmos apenas com os que ficam no interior e deixarmos os outros abandonados. Vamos ver se nós acompanhamos” (Depoimento do Frei Arno Reckziegel, 2007).

A partir dessa decisão, a província também começou a estudar onde, nas grandes cidades, era o pólo de atração desses migrantes, uma vez que, nas décadas de 1960 e 1970, as periferias das grandes cidades do Estado estavam recebendo enormes contingentes populacionais oriundos do meio rural.

E nós decidimos, em 1971, nos inserir na Lomba Pinheiro e acolher o pessoal que vinha do interior. Esse pessoal que vinha na época era quase todo do litoral, do sul de Santa Catarina e alguns da região de colonização alemã, no vale do Taquari. Fomos atrás de moradia, fomos morar lá, e fomos tentar atender esse povo que vinha do interior. É, de fato fomos morar numa vila, na vila São Pedro, numa casa alugada. Fomos eu e o frei Nilo Formentini já falecido e começamos praticamente com nada. Começamos a conhecer o povo, ver de onde eles vinham, o que eles faziam,

porque que vieram para cá e dar o primeiro atendimento religioso, tais como rezar missa, fazer batizado, etc... (Depoimento do Frei Arno Reckziegel, 2007).

Dentre os motivos para a decisão da Província Franciscana do Rio Grande do Sul em iniciar o trabalho de formação inserida na periferia está a grande abertura que ocorreu com Vaticano II. No entanto, de início o principal objetivo da ordem foi dar apoio aos migrantes oriundos da zona rural, “perdendo as raízes em todos sentidos, não só no sentido religioso, mas o sentido cultural, familiar e social. Vinham para a cidade grande encontrando outro mundo. Com uma cultura diferente, uma malandragem diferente” (Depoimento de Frei Arno Reckziegel, 2007).

Esses migrantes se localizavam em locais sem nenhuma infra-estrutura urbana e encontravam uma cultura diferente do local de onde saíam. No entanto, esse objetivo primeiro começou a ficar distante a partir do momento em que esses religiosos, que em sua grande maioria eram oriundos da zona rural e de regiões coloniais, com uma enraizada cultura religiosa, sofriam o choque cultural quando entravam em contato com a periferia, com populações etnicamente diferentes, com outros valores religiosos, enfim, com um mundo totalmente diferente do ambiente familiar.

Depois de dois anos na Lomba do Pinheiro, nós mudamos o enfoque do nosso trabalho. Tinham urgências maiores do que somente acolher os migrantes. Toda a infra-estrutura, toda essa questão de assistência ao pessoal da periferia. Fazer o que então? Nós começamos a nos envolver com a população. Tínhamos que atender esse povo nas suas necessidades aqui, e assim ficou em segundo plano a questão primeira de ser unicamente a acolhida dos migrantes (Depoimento de Frei Arno Reckziegel, 2007).

Arno Reckziegel (2007) conta que os Círculos Bíblicos, criação de Carlos Mestres, foram as “sementes” que dariam origem a organizações comunitárias, e outras

organizações populares depois se espalhariam na periferia. Eram grupos de famílias que se reuniam semanalmente, faziam orações, encaminhamentos e dali surgiram algumas associações de bairros, várias organizações de grupos a partir desses grupos. Os Círculos Bíblicos partiam da seguinte proposta: contava-se um fato cotidiano e, a partir desse fato da vida, lia-se um texto da Bíblia que tinha relação com isso. “Diante disso o que era importante para nós, o que era importante para nós, o que nós vamos fazer? Estamos vivendo assim e a Bíblia diz isso e nós agora o que vamos fazer?” (Arno Reckziegel, 2007). O frei também destacou que, apesar de uma formação teológica tradicional, a inserção na periferia transformou sua maneira de ver o mundo e a religiosidade:

Eu tive a formação teológica tradicional, pré-Vaticano II. Estudei em Viamão com os padres diocesanos, seculares. Eu estudei em 65, 66, 67, 68 Teologia no Seminário Maior de Viamão, uma Teologia muito tradicional. Assim, tive uma formação teológica muito tradicional, mas quando foi para a periferia na inserção, eu tive uma crise de consciência fortíssima. Para Lomba do Pinheiro fui com 27 anos. Aprendi a ser cristão na Lomba do Pinheiro, na vivência diária. A crise ocorreu quando olhei a vida do povo e olhei a teologia que aprendi: “para que me serve isso daí, o que me ajuda isso no meu contato e na minha orientação espiritual com o povo?”. Foi época que eu aprendi a ler a Bíblia. Tive que olhar a Bíblia de novo; e ver o que Jesus fazia, como ele vivia, o que ele dizia e não o que a Teologia nos dizia. Então começamos a fazer aquele trabalho com os “Círculos Bíblicos” que estavam surgindo. Foram esses Círculos Bíblicos a fonte de alimentação do nosso trabalho espiritual na periferia (Depoimento do Frei Arno Reckziegel, 2007).

A Lomba do Pinheiro serviu como uma espécie de laboratório para a Ordem Franciscana do Rio Grande do Sul, sendo constantemente avaliada pela província e,

serviu de exemplo para outros grupos de religiosos e de leigos para a inserção nas comunidades mais pobres. Para isso, morava-se como e com os pobres, não se dependia deles para a própria sobrevivência – trabalhava-se-, nem eram mantidas grandes estruturas que pudessem atrapalhar o trabalho de base. Neste sentido, “as CEBs, as pequenas comunidades, os grupos de reflexão da Bíblica caíam bem, iam além do oficialismo ou da doutrina, assim como permitiam a participação direta do povo na reflexão e na organização, o que se poderia dizer que era ‘a Teologia da Libertação posta em prática, vivida’” (Relato Frei Arno Reckziegel, 2007).

No início de 1977, entre as várias opções oferecidas, decidi ir para a periferia morar na comunidade franciscana da Lomba do Pinheiro, com Frei Arno Reckziegel. As razões: estava mais de acordo com minhas idéias, compromissos e experiências da época; continuava mais próximo dos amigos e companheiros de luta do movimento estudantil e da pastoral de juventude; uma série de comunidades de religiosos/as e de jovens, fruto do trabalho da pastoral da juventude, começaram a se formar em várias vilas e bairros populares. Até então nunca tinha participado de movimentos sociais, a não ser do movimento estudantil e da pastoral de juventude. Morar na Lomba, periferia entre Viamão e Porto Alegre, foi o primeiro contato direto e regular com a classe trabalhadora, mas não como alguém de fora, mas sim como alguém que participava junto, morava junto, sofria os mesmos problemas de transporte, saneamento, falta de estrutura, etc... (Depoimento de Selvino Heck, 2007).

Os religiosos que se formaram a partir da experiência da formação inserida já possuíam um contato tanto com a produção teórica da Teologia da Libertação quanto com os meios pobres, o que potencializou suas capacidades de atuação junto aos diversos movimentos populares.

Com envolvimento com esse povo ali, no fim que nos esquecemos o objetivo primeiro: acolher os imigrantes. Tinham urgências muito maiores do que acolher os imigrantes. Toda a infra-estrutura, toda essa questão de assistência ao pessoal da periferia. Fazer o que então? Nós começamos a nos envolver com a população. Foram fundadas várias associações de bairro, fizemos todo o atendimento religioso, celebrávamos missa nas casas, em locais abertos, foram construídos Colégios, foi feito todo um trabalho com segurança com transporte coletivo, legalização de terrenos, com a saúde (Depoimento do Frei Arno Reckziegel, 2007).

A participação dos religiosos na organização das lutas populares na periferia estava baseada no papel de mediadores que desempenhavam a ligação entre uma nova maneira de encarar a religiosidade e a reflexão sobre os problemas concretos da realidade das comunidades e a partir daí incentivavam a organização popular e a formação de lideranças e com o tempo, esse modelo foi aplicado em outras periferias.

Frei Arno e dos frades, e em outros locais e algumas paróquias com vigários mais progressistas: o As CEBs, os grupos de reflexão da Bíblia existentes na Lomba do Pinheiro a partir de então Pe. Sérgio Fritzen em Cachoeirinha-Gravataí, Pe. Armindo Cattelan em Canoas, os religiosos oblatos na Vila Sta. Isabel, em Viamão, Pe. Roque Grazziotin (um dos iniciadores da Pastoral Operária no Rio Grande) e outros em Caxias, Pe. Schio e o Pe. Júlio Giordani em Antônio Prado (aliás, também iniciadores da CPT junto com o Cecchin), Pe. Rubem Dotto e outros em São Gabriel, Pe. Zé Ivo na Vila Duque em São Leopoldo, Pe. Arnildo Fritzen em Ronda Alta, Pe. Milton na diocese de Erechim, alguns pastores luteranos através da Faculdade de Teologia do Morro do

Espelho em São Leopoldo, alguns pastores metodistas (Depoimento de Selvino Heck, 2007).

A atuação direta nos meios populares foi de fundamental importância no processo de formação de agentes religiosos que atuaram diretamente nos movimentos sociais no Rio Grande do Sul, uma vez que colocou em contato os religiosos e agentes pastorais com a realidade dos segmentos mais pobres da população brasileira.

A prática: as primeiras ocupações rurais no RS

Essas experiências de organização popular levadas a cabo por setores progressistas da Igreja Católica, com a articulação de centros de formação como o COM, tiveram como resultado a 1ª Romaria da Terra, o Primeiro Encontro de CEBs da Região Metropolitana que desencadeou o Primeiro Encontro de CEBs do Rio Grande do Sul, as ocupações de terra, as ocupações urbanas, as oposições sindicais, e a organização dos trabalhadores no início da década 1980. A primeira Romaria da Terra aconteceu em São Gabriel, no dia 07 de fevereiro de 1978, a partir da iniciativa do Irmão Antônio Cechin e do Padre Orestes Stragliotto, juntamente com Dom Pedro Casaldàglia e Dom Thomas Balduino.

A partir do primeiro Encontro Estadual em São Gabriel, em setembro de 1979, acontece a primeira ocupação de terra no estado, fazendas Macali e Brilhante⁵, em Ronda Alta, com a presença do vigário de Ronda Alta, Arnildo Fritzen. Ocupação que foi o embrião do futuro MST. Nas lutas pela terra e pela Reforma Agrária, a Igreja entrou em rota de colisão com o Estado ao questionar as políticas e os projetos do governo militar, uma vez que nas regiões onde ia sendo criada, a CPT procurava não

⁵No Natal do mesmo ano, ocorreu na cidade de Canoas a primeira grande ocupação urbana liderada pelo Irmão Antonio Cechin e por sua irmã Matilde Cechin. Irmão Cechin relata que as ocupações urbanas e rurais foram planejadas no encontro de São Gabriel: "E nós, para não ficar para trás, no Natal de 1979 ocupamos em Canoas. Lá os Sem-Terra e nós aqui, em Canoas. A partir da Igreja das CEBs"(Depoimento do Irmão Antônio Cechin, 2007). Como celebração e comemoração que evidenciou esse nascimento comum das duas ocupações, em 1984, a Romaria da Terra foi em Canoas, na Vila do Santo Operário, com presença significativa de representantes das ocupações rurais de Ronda Alta.

apenas motivar os agentes de pastoral, como organizar os trabalhadores, fomentar as oposições sindicais onde havia domínio de “pelegos”; e, sobretudo, apoiar os próprios trabalhadores, para que eles próprios se encontrassem e discutissem alternativas e buscassem alternativas.:

Com o governo militar, bastava você fazer qualquer coisa no plano social que criava conflito. De qualquer maneira, nós não liderávamos trabalhos, por exemplo, em Ronda Alta, nunca foi um trabalho de Igreja, então a CPT nunca entrou num conflito direto porque ela não chefiava, ela apoiava, ela estava junto. Assim, o conflito não era entre Igreja e governo, e sim entre governo e o povo, e como nós estávamos com o povo, nos afetava. Mas não era que nós tivéssemos um conflito direto com o governo. Depois do governo militar, os conflitos se tornaram entre o povo, com a CPT apoiando com os fazendeiros e apoiados pela UDR. Quando o governo civil apoiava os fazendeiros, aí se dão os conflitos (Depoimento do Monge Marcelo Barros, 2008).

Em 1981, o acampamento de Encruzilhada Natalino, também em Ronda Alta, tornou-se o símbolo nacional de resistência dos Sem-Terra e foi o embrião do MST. O padre Arnildo Fretzen, ligado à CPT, e a freira italiana Aurélia Durandi foram os principais coordenadores do acampamento e eram considerados os grandes mentores das ocupações.

Foi nesse acampamento que ocorreu a mobilização campesina que trouxe à tona o problema da má distribuição de terra no país. Esse conflito teve um caráter histórico, porque foi arena de luta política e ideológica em que participaram a Igreja, os Sem-Terra, os governos estadual e federal, além de mobilizar amplos segmentos da sociedade civil, como enfatizou o Irmão Antonio Cechin (2007): “De fato, foi gente de todo Brasil para visitar eles lá, e nossos bispos progressistas como D. Pedro Casaldágua, D. Tomas Balduino dentre tantos que visitaram o acampamento. Foi a grande escola de formação para depois estender o MST para todo Brasil”.

Apesar do confronto com as forças repressivas do Estado, trezentas famílias permaneceram acampadas durante um ano. A atuação da Igreja Católica, através de seu setor progressista, foi de fundamental importância para a continuidade da ocupação⁶.

A prisão do padre Arnildo e da Irmã Aurélia não aconteceu na época e isso ouvi palavras textuais dele, por que o próprio D. Cláudio pediu para não prender. Já tinham prendido os padres franceses no Araguaia, e a idéia que era prender o padre Arnildo e a irmã Aurélia, mais um grupo de agricultores e o João Pedro Stédille, que seria apresentado como o grande agitador comunista disse tudo. D. Cláudio pediu “pelo amor de Deus” para que não fizessem isso, apelou para o governador na época, Amaral de Souza, por que Dom Cláudio tinha acabado de ser nomeado arcebispo de Porto Alegre, só que a informação ainda não era pública. D. Cláudio pediu uma audiência particular com o governador e disse: "Eu vou ser nomeado arcebispo e eu não quero um pepino desses aqui no meu estado logo na minha nomeação". O governador não ordenou a prisão com alguns compromissos da igreja: que tirasse o padre Arnildo e a irmã Aurélia de lá, o que foi feito (Depoimento do Frei Sérgio Görden, 2007).

Frei Sérgio destacou que a luta pela terra angariava as simpatias da Igreja gaúcha devido às origens camponesas do clero do Rio Grande do Sul, uma vez que a maioria de seus representantes era constituída por filhos de pequenos proprietários da região colonial, o que os identificava com os Sem-Terras:

⁶ Em agosto de 1981, Curió saiu da Encruzilhada Natalino e acusou o padre Arnildo e os “comunistas” pela resistência dos acampados, sendo ameaçados de prisão o padre Arnildo, a irmã Aurélia e João Pedro Stédille, que foi acusado de ser o grande agitador comunista do acampamento. O bispo de Passo

A CNBB no Rio Grande do Sul, a Igreja como um todo, o episcopado deu uma apoio decisivo para a luta na Encruzilhada Natalino, inclusive depois comprou uma área de terra e transferiu o acampamento e D. Vicente Scherer e o D. Cláudio Colling ficaram em posição minoritária. As explicações mais razoáveis para isso são as raízes agrárias do catolicismo gaúcho, muito ligado a pequena propriedade, ligado à região colonial, ligado à imigração e de certa forma coloca a propriedade camponesa como um ideal a ser alcançado, como um ideal de vida comunitária, de vida social. Também, a esmagadora maioria, para não dizer a totalidade das vocações religiosas vinha do campo, e o acampamento nada mais é que uma demonstração cabal do início do esfacelamento do campesinato, da agricultura colonial do estado, que tinha sido a base da Igreja, e uma tentativa de voltar a ela. Era esse o sonho de qualquer sem-terra que tava na beira da estrada: 'eu fui colono, meu pai foi colono, eu fiquei sem terra e agora quero voltar a ter terra'. Era uma análise simples, e isso criava um vínculo direto com a Igreja, mesmo com o clero conservador, que tinha medo dos comunistas, mas que, ao mesmo tempo, tinha uma enorme simpatia pelo modelo colonial de propriedade da terra. Isso acabava criando um vínculo que permitiu que a própria CPT tivesse grande legitimidade e que o episcopado como um todo assumisse (Depoimento do Frei Sérgio Görden, 2007).

Frei Sérgio Görden também narrou como ocorreu seu ingresso na CPT e seus primeiros contatos com o nascente movimento campestre e as transformações que isso acarretou na sua interpretação da realidade:

Fundo, D. Cláudio Colling, conseguiu negociar com governador Amaral de Souza a suspensão da ordem de prisão.

Na CPT, meu primeiro contato foi com o frei que havia sido meu professor no ginásio, Frei Plínio Maldaner, que é o primeiro franciscano a entrar na CPT. Ele assinou o boletim da CPT para mim. A fundação da CPT no Rio Grande do Sul ocorreu em 76, em 78 eles começam a observar eu e o Alcides Favareto que nos destacávamos um pouco, pelas nossas posições. O Plínio, como me conhecia, quando surge a primeira ocupação de terra, em Ronda Alta, em 79, eles nos contatam em Porto Alegre, eu e o Alcides para acolher os sem-terra que iam a Porto Alegre fazer negociação com o governo. Íamos à rodoviária e os levávamos para nossa casa, acompanhávamos até as audiências, quando ficavam mais que um dia dormiam lá em casa. Conversávamos muito, que era um mundo que eu não conhecia, um mundo diferente. Até na minha vida pessoal, eu era encarregado de ir com os peões na roça, a maioria deles negros, e nunca tinha me dado por conta de que os peões do meu pai eram sem-terra, essa leitura de quem são essas pessoas sociologicamente, politicamente, religiosamente (Depoimento do Frei Sérgio Görden, 2007).

O frei também enfatizou a articulação que ocorreu entre os agentes engajados no meio urbano com as primeiras ocupações de terra do estado, sendo importante ressaltar que muitos dos agentes que mais tarde estariam entre as lideranças do Movimento Sem-Terra atuavam nas periferias urbanas, e destacou ainda que, durante o acampamento em Encruzilhada Natalino, ocorreu a criação do Boletim Sem-Terra, inicialmente mimeografado e que mais tarde tornou-se o Jornal Sem-Terra, criado na tentativa de obter apoio da sociedade civil:

Quando vem a Encruzilhada Natalino, e o conflito se acirrou, se resolveu fazer um boletim, o Boletim Sem-Terra, hoje o Jornal Sem-Terra que, nós rodávamos esse boletim no mimeógrafo. O

grupo da Pastoral Universitária começou a se envolver com isso, o grupo da Teologia que nós tínhamos começou a se envolver com isso e, quando o padre Arnildo e a irmã Aurélia foram proibidos de entrar no acampamento, eu que tinha ido lá uma que outra vez lá levar a roupa, recolhemos comida e roupa em Porto Alegre, eu pegava uma kombi velha do João Pedro Stédille e levava essa comida, essa roupa para o acampamento. Nos fins de semana, eu levava coisas para o acampamento. Fazia uma coisa tipicamente assistencialista, mas para o povo que estava em luta, isso dava resistência para a luta. Montamos coleta de comida e roupa em Porto Alegre e até dinheiro, imprimia o Boletim Sem-Terra e fomos nos politizando (Depoimento do Frei Sérgio Görden, 2007).

Irmão Antonio Cechin enfatizou a influência da Igreja da Libertação na formação de João Pedro Stédille (assessor da CPT no Rio Grande do Sul no início da década de 1980, e se tornou uma das maiores lideranças do MST no Brasil) que teria se engajado no movimento camponês depois de ter conhecido as ocupações de Ronda Alta:

Primeiro João Pedro ele foi seminarista capuchinho, depois ele aprendeu conosco nas Comunidades Eclesiais de Base. Ele veio do México aonde ele tinha feito um curso de pós-graduação (estudou no México junto com o César Buzatto) e era funcionário da Emater, da Secretaria da Agricultura. Ele mudou quando ele descobriu Ronda Alta com o padre Arnildo. Quando esse foi à Emater pedir assessoria para o acampamento, e aí o João Pedro, que era funcionário da Emater, foi escalado para dar a assessoria a Ronda Alta. Daí o João Pedro ficou de boca aberta com a organização popular que tinha ali, e com o padre Arnildo, que era um grande especialista em Comunidades de Base. Quando ia para Ronda Alta, ficava dois ou três dias hospedado na casa do padre Arnildo, e ele não nega que é fruto da Teologia da

Libertação, das Comunidades de Base (Depoimento do Irmão Antônio Cechin, 2007).

Assim, destaco que foi na prática, na luta com os movimentos sociais que os mediadores religiosos tiveram a verdadeira prova de sua formação: lutar ao lado, apoiar e não dirigir o movimento popular. Essa experiência, que não ocorreu sem ressentimentos dentro dos próprios setores progressistas, serviu de referencial para a atuação desses agentes para atuações futuras e em outros movimentos.

Considerações Finais

Neste trabalho utilizei como principal método a História Oral Temática, que se mostrou imprescindível para suprir as lacunas deixadas pela análise documental, a entrevista oral temática, pois ninguém melhor do que os próprios mediadores religiosos para trazerem informações elucidativas acerca do nosso trabalho investigativo. Destaco também a influência que o presente teve no desenvolvimento deste trabalho, pois a própria estagnação dos movimentos populares e a reação conservadora dentro da Igreja Católica me motivaram a pesquisar sobre a participação de segmentos progressistas nos movimentos populares, e também, a influência desse presente nas narrativas desses mediadores, que organizaram e participaram junto a esses movimentos, que procuraram transformar a Igreja foram combatidos pelos segmentos conservadores, hoje hegemônicos na Instituição. Nesse sentido, foi de extrema importância o contato direto com esses “mediadores” porque, através de suas narrativas, consegui estabelecer as questões centrais do trabalho: a formação teórica, a inserida e a prática _ que são essenciais para entender a grande influência da Igreja junto aos movimentos sociais a partir do final da década de 1970, sendo que aqui se trata também de compreender a formação, as condições e o contexto que tiveram a participação desses sujeitos.

No Rio Grande do Sul, a difusão da Teologia da Libertação dava-se, em grande parte, através de cursos promovidos pelos setores progressistas da Igreja católica, na mudança ocorrida na formação de religiosos, que buscaram conviver diretamente com

as camadas populares da população e também através da atuação de "mediadores religiosos" em movimentos sociais. Para tanto, estudei a formação teórica, através dos cursos de formação no Centro de Orientação Missionária (COM) de Caxias do Sul; através da formação inserida, com a abordagem do caso pioneiro dos franciscanos na Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre, e na prática nos movimentos populares, como estágio final da formação, na qual abordei a participação dos mediadores religiosos nas primeiras ocupações rurais no Rio Grande do Sul.

Destaco que as primeiras ocupações foram o período prático na formação desses mediadores, e que, ao final das mesmas, definiram a maneira dos setores progressistas atuarem junto aos movimentos populares. Foi na prática que compreenderam o grande significado que a "mística da terra" possuía, que descobriram a força que a mobilização da sociedade civil possui e a necessidade de garantir a autonomia dos movimentos populares. Assim, destaquei que as ocupações no Rio Grande do Sul nas décadas de 1970, e início da década de 1980, foram as grandes escolas de formação de mediadores para os movimentos sociais e definiram como seria, a partir de então, a participação dos setores progressistas junto aos movimentos sociais.

Referências:

BARROS, M. *Marcelo Barros: depoimento [janeiro de 2008]*. Entrevistador: Cléo Adriano Sabadi Bonotto. Uma fita cassete. Entrevista concedida para trabalho de dissertação de mestrado.

CARTER, M. *El papel de la Iglesia em la caída de Stroessner*. Asunción, Paraguai: RP Ediciones, 1991.

CECHIN, A. *Irmão Antônio Cechin: depoimento [agosto 2007]*. Entrevistador: Cléo Adriano Sabadi Bonotto. Uma fita cassete. Entrevista concedida para trabalho de dissertação de mestrado.

GÖRGEN, F. S. *Frei Sérgio Görgen: depoimento (junho de 2007)*. Entrevistador: Cléo Adriano Sabadi Bonotto. Uma fita cassete. Entrevista concedida para trabalho de dissertação de mestrado.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HECK, S. *Selvino Heck [setembro 2007]*. Entrevistador: Cléo Adriano Sabadi Bonotto. Entrevista concedida para trabalho de dissertação de mestrado.

LÖWY, M. *Marxismo e Teologia da Libertação*. São Paulo: Cortez, 1991.

MEIHY, J. C. S. B. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1996.

MORAIS, J. F. R. *Os bispos e a política no Brasil: pensamento social da CNBB*. São Paulo: Cortez, 1982.

RECKZIEGEL, A. *Frei Arno Reckziegel [agosto 2007]*. Entrevistador: Cléo Adriano Sabadi Bonotto. Uma fita cassete. Entrevista concedida para trabalho de dissertação de mestrado.

SCHERER-WARREN, I. *Redes de movimentos sociais*. São Paulo: Loyola, 2005.

STOFFEL, J. C. *História, Teologia e Prática do Centro Ecumênico de Evangelização, Capacitação e Assessoria. Uma contribuição para o movimento ecumênico no Brasil*. Dissertação de Mestrado em Teologia/ EST. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2005.

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.